

Indústria tem o pior desempenho desde 91

Vendas sofreram queda de 1,34% em 98 em comparação com o ano anterior

Emprego no setor caiu 5,91% e horas trabalhadas despencaram 7,51%

Rio - O desempenho da indústria nacional em 1998 foi o pior dos últimos sete anos, desde que a Confederação Nacional da Indústria (CNI) passou a medir o comportamento do setor. De acordo com o estudo "Indicadores Industriais" o emprego no setor caiu 5,91% em relação a 1997, as horas trabalhadas despencaram 7,51% e os salários baixaram 4,79%. O resultado negativo foi generalizado e pela primeira vez o item de maior destaque, relativo às vendas reais, registrou queda: -1,34%. Para o levantamento foram coletados dados em aproximadamente 3,7 mil grandes e médias empresas.

O balanço só não foi mais desfavorável por causa do expressivo aquecimento nas vendas em dezembro, apesar da crise. Escaldada pela crise asiática, de 1997, a indústria reduziu a produção a partir de setembro, logo depois da moratória russa, e foi surpreendida com as vendas do Natal. Em dezembro de 98, as vendas industriais registraram crescimento de 6,23% em rela-

ção a novembro. No ano anterior, o aumento havia sido de apenas 0,7%. Mas nem esta recuperação foi capaz de garantir o aumento do faturamento no ano passado.

Dificuldades

O coordenador da Unidade de Política Econômica da CNI, José Guilherme Reis, acredita que a indústria passará ainda um primeiro semestre "muito duro". O setor poderá retomar o crescimento a partir do segundo semestre, mas isso dependerá muito da normalização do cenário econômico. Para garantir um resultado satisfatório seriam necessários três fatores básicos: a manutenção da inflação anual abaixo de 10%, taxas de juros chegando ao fim do ano entre 12% e 14% e a estabilização do câmbio entre R\$ 1,60 e R\$ 1,70 frente ao dólar.

A crise poderá encolher alguns setores da indústria, especialmente o automotivo. "Tivemos um aumento significativo no número de montadoras, mas agora algumas vão continuar e outras talvez não", diz Reis. A capacidade de produção de veículos para este ano é de 2 milhões de unidades e o mercado doméstico não irá absorver mais do que 1,2 milhão.

Outra alternativa levantada pelos técnicos da CNI é de que as montadoras se voltem mais para o mercado externo, beneficiado pela mudança no câmbio, transformando o Brasil numa plataforma de exportação. O câmbio poderá também ser um item favorável para outros setores industriais, como o têxtil, o calçadista e o de vestuário, que vinham diminuindo ano a ano, pressionados pela concorrência



JOSÉ Guilherme: melhoria só para o segundo semestre

dos importados.

A CNI, que em dezembro havia projetado para 1999 queda do Produto Interno Bruto (PIB) em 1,5% e da atividade industrial em 3%, está refazendo para baixo seus cálculos. "A economia esteve semiparalisada nas últimas semanas e é óbvio que isto terá um impacto forte no agravamento do quadro", diz Reis. "Mas o

cenário ainda está muito conturbado e não há como antecipar previsões."

Todos os setores da indústria estão começando o ano tentando ajustar os seus estoques para evitar encalhes e prejuízos maiores. O setor intermediário, de produção de aço e derivados de ferro, por exemplo, está tendo mais sucesso nesta estratégia.

Geraldo Magela